



## **Novos tempos, novos desafios**

Acreditámos, coletivamente, num progresso contínuo, num melhoramento da humanidade em direção aos direitos, ao respeito pela diferença, numa dialética construtiva entre a identidade e a alteridade, na união dos povos para a defesa do planeta e da paz.

A segunda metade do séc. XX trouxe-nos a embriaguez de promessas de bem estar e de vidas plenas.

Acreditámos nos estados de direito, na diplomacia e no diálogo.

Acreditámos que, finalmente, poderíamos ser felizes.

Mas a barbárie, de forma subterrânea e silenciosa, foi-se desenvolvendo, frequentemente alimentada por todos, até ao dia em que surgiu cruel, ávida, voraz e sem vergonha ou remorso: completamente amoral. E esta máquina trituradora anuncia um novo mundo, a nova era de totalitarismos bélicos, esquizofrénicos, de indiferenciação da verdade e da mentira.

Quase que poderíamos afirmar que os novos desafios são desafios totais para a sobrevivência da espécie humana e do planeta Terra.

Nunca a Humanidade teve tantos meios tecnológicos e científicos ao seu dispor, e, no entanto, sentimos, cada vez mais, as assimetrias sociais e económicas, tensões visíveis num mundo dividido entre ricos e pobres!

Há demasiados IEMENS, AFGANISTÕES, SÍRIAS, VENEZUELAS e UCRÂNIAS (só para citar alguns, porque infelizmente a lista é demasiado longa). Em vários pontos do planeta assistimos a uma degradação, ou ausência, dos direitos das mulheres como direitos humanos.

E, a adornar estes NOVOS TEMPOS, fomos desafiados por um vírus, da estirpe dos Coronas, que, sem aviso prévio, se transformou numa pandemia! Esta doença trouxe desafios à ciência, obrigou à reorganização de serviços e cuidados médicos especializados, originou novas formas de assistência social e trouxe-nos, também, novos desafios digitais, visíveis no teletrabalho, nas aulas à distância, e na transmissão dos afetos!

Os últimos dois anos, a vivermos em isolamento, trouxeram muitos questionamentos e fizeram-nos repensar toda a nossa existência. Mas será que nos fizeram mesmo mudar? Estamos agora mais conscientes dos valores que importam na nossa vida e dispostos a mudar para passarmos às próximas gerações um estilo de vida mais sustentável?

À Maçonaria, em particular, estes anos de pandemia exigiram grandes esforços, quer no modo de trabalhar, quer na necessidade de tomada de uma consciência conducente à formulação de novas ideias adaptadas à época atual.

A globalização, iniciada nos sécs XV e XVI com as grandes navegações marítimas europeias de Portugal, Espanha, Inglaterra e Holanda, teve o seu expoente máximo no final do séc. XX, com o fim da guerra fria e o desmembramento da União Soviética (URSS). Esta expansão económica global é evidente nos dados da Organização Mundial do Comércio (OMC) pelo número de importações realizadas em todo o mundo, evidenciando uma aceleração constante. A exemplo, em 1950 eram de 64 biliões de dólares; em 1980 de 2,5 triliões e em 2010 já se atingiam os 15,3 triliões de dólares. Estrutura-se atualmente por meio de uma rede à escala planetária que envolve fluxos entre diferentes pontos, cidades globais conforme o seu grau de desenvolvimento (que o Reino Unido define em número de 129 e classifica em 10 níveis de alfa++ (mais, mais), como Nova York e Londres, até gama – (menos), passando por beta), e, por onde circulam mercadorias, capitais, investimentos e empregos, centralizando decisões, principais empresas e instituições internacionais públicas e privadas. Coordenam dinâmicas económicas, políticas e burocráticas, possuem serviços especializados, centros de desenvolvimento tecnológico e científico, sedes de grandes bancos, bolsas de valores, etc. Isto é: possuem Serviços! Informação! Inteligência! Mesmo que não sejam efetivamente produtivas, pois a produção está longe, geralmente em países menos desenvolvidos, onde a mão de obra é barata e as condições de trabalho rudimentares. Supostamente, a globalização é um processo de integração entre os países, estabelecida pela economia, política e cultura, e, tendo por base um sistema capitalista, liberal ou neoliberal. Porém, as principais consequências, vieram contribuir para o aumento do consumo; para a expansão das desigualdades socioeconómicas; para o crescimento do mercado informal, que produz grandes riquezas e oligarquias nos sistemas autocratas; para o favorecimento de crises económicas e intensificação dos problemas sociais e ambientais; para a redução dos direitos dos trabalhadores; para o aumento da concorrência entre países e a massificação cultural pela uniformização e diluição das especificidades dos povos, processo de perda de identidade histórica, cultural e social.

Este fenómeno da globalização, como consequência da organização em rede, coloca novos desafios às sociedades, às democracias, à soberania e à justiça. A comunicação digital, com base na microeletrónica, constitui a coluna vertebral da sociedade em rede e é sinónimo de uma organização política, económica e sócio-cultural horizontal que se opõe ao paradigma tradicional, de pendor eminentemente verticalista.

Ao nível político, este novo tipo de sociedade deu origem a uma forma de Estado transnacional de carácter global que substitui o conceito tradicional de Estado-Nação e de governação. A União Europeia é talvez o exemplo mais expressivo de uma rede de Estados-Nação que tem como consequência a partilha da soberania e a dependência de instituições supranacionais tais como: o FMI, O Banco Europeu, entre outras. Contudo, a implementação massiva da tecnologia não se fez de forma inócua, mas antes com repercussões perniciosas que são a contraparte negativa de todos os aspetos positivos que podemos enunciar. O avanço vertiginoso da tecnologia contribuiu largamente para a chamada iliteracia digital que é um fator de

exclusão social. Existe ainda uma parte significativa da humanidade que não tem acesso aos meios tecnológicos. A utilização indiscriminada e não construtiva das redes sociais e dos telemóveis, por parte de uma grande maioria dos jovens, é um fator de alienação preocupante. A disseminação de notícias falsas ou deturpadas e a ausência de mecanismos que ajudem a filtrar o verdadeiro do falso tendem a minar a esfera pública democrática, abrindo caminho para o charlatanismo, o populismo e os extremismos. Como as verdades factuais são contingentes, ao contrário das verdades racionais, abre-se o espaço para a mentira, e o mentiroso pode moldar os factos de acordo com os seus interesses e de acordo com as expetativas do público. É neste contexto que se colocam novos desafios e questões completamente novas, para as democracias, antigas ou recentes, para a soberania e ainda para a operacionalização da justiça social. A pandemia que vivemos, problemas e soluções, veio colocar ainda mais em relevo a fragilidade das democracias, fazendo emergir desistências de participação na vida pública, por um lado, e, por outro, afirmações de intolerância ou recusa das diferenças.

Os desafios com que nos confrontamos na atualidade, face à deterioração dos ecossistemas exige o combate às alterações climáticas, uma vez que se impõe defender a biodiversidade, pois a extinção de uma única espécie, leva ao seu desequilíbrio.

Muita da discussão moral passa, por isso, por teorias éticas que reflitam o estatuto moral de totalidades: ecossistemas, conjuntos de ecossistemas, bioregiões. É exigido o alargamento da comunidade moral, de forma a incluir os solos, as águas, as plantas e os animais.

A Maçonaria deve conjugar os seus esforços, no plano mundial, para contribuir, de forma prática e eficiente, para a saúde do Planeta. O facto de constituirmos uma rede de Grandes Obediências, pode ser aproveitado para a proposta de soluções ambientais globais, que considerem os interesses não apenas das gerações presentes, mas também os das gerações futuras.

Hoje, depois de o socialismo revolucionário ter deixado de ser a inspiração de uma sociedade justa, podemos encontrar na valorização da Democracia, no respeito pelo Planeta Terra e Direitos Humanos os principais instrumentos de realização de uma justiça social, desenvolvimento, proteção de minorias no contexto fragmentado e multicultural das sociedades contemporâneas.

A filósofa belga Chantal Mouffe, por exemplo, defende que os modelos liberais de democracia não estão preparados para lidar com as transformações causadas pela globalização, porque não conseguem compreender a construção de identidades políticas coletivas e a pluralidade de relações sociais. Neste sentido, a organização democrática, baseada apenas na racionalidade é insuficiente. Ela deve trazer, para o âmbito da discussão pública, a paixão, o desejo e o conflito.

Para pensarmos as democracias de hoje dever-se-ia reinventar os conceitos de conflitualidade e fazer emergir novos paradigmas, novas lógicas na perceção da dialética identidade-alteridade, isto é, eu-outro, “nosso-deles”, de tal forma que o outro do combate democrático seja considerado como um adversário em vez de um inimigo. O outro do combate democrático pode deixar de ser percebido como o inimigo a ser destruído para passar a ser o adversário cujas ideias combatemos sem colocar nunca em causa o direito que ele tem de as defender. Precisamente, a categoria do adversário não elimina o antagonismo ou oposição em

nome de consensos impostos ou forçados. Assim, propõe Mouffe, a passagem de um *antagonismo* (luta entre inimigos) para o *agonismo* (luta entre adversários) ou a passagem de uma relação "ganhar-perder" para uma relação "ganhar-ganhar".

O que poderá, então, cada indivíduo fazer? Gerir a sua interação com o exterior e, a partir da sua experiência, potenciar a relação da comunidade com o resto do mundo. Cada ser, mesmo condicionado pelo modelo civilizacional da sua geografia e, obviamente, pelo grau de abertura de espírito inerente à sua pessoa, pode constituir um motor de mudança. Nem todos temos capacidade de explorar a "bagagem" das nossas vivências, mas há uma alternativa: partilha ou interação. O importante é não ficarmos ancorados em formas simplificadas de resolução dos problemas, como as ideologias ou as confissões religiosas dogmáticas.

Perante ocorrências globais ou regionais, sejam elas climatéricas, políticas, tecnológicas ou mesmo religiosas, urge fazer de cada dificuldade uma verdadeira oportunidade para tornar melhor o que nos habituámos a ouvir designar por aldeia global. Isto deveria ser uma prática nas LL.'. Maçónicas, espaços relacionais alicerçados no livre pensamento.

É exatamente na dimensão relacional que a Humanidade pode almejar ultrapassar tanto os verdadeiros receios como os "medos" que se nos apresentam como sendo reais. A inteligência obriga-nos a tudo questionar; a esperança, que permaneceu no fundo da caixa aberta por Pandora, é a última salvação da Humanidade.

Cada época tem tido o seu momento de trevas e de luta contra a entropia e destruição. Se os tempos são outros, mudando-se roupagens e circunstâncias, a estrutura, a matriz do humano que não se liberta da ignorância, é a mesma. A mesma tendência para a personalização do poder; a mesma vontade de reprimir o outro na sua diferença e liberdade, a igual ameaça à integridade física da cidadania.

Anoiteceu na Europa, o mundo empobreceu de Valores, de Justiça e de Alegria. (versão coral do *Adagio for Strings* de Samuel Barber)

Não podemos deixar que os instrumentos nos caiam das mãos, não é a hora de desistir, mas de reunir.

A espiritualidade, sem dogmas, das maçonas e dos maçons será o chão fértil de uma ação esclarecida e solidária, exigindo a tarefa sublime de transmutação da ignorância, da tirania, da ambição, da vaidade e do orgulho, em conhecimento, construção, simplicidade e humildade.

Enquanto Escola de Pensamento, de cariz iniciático, a Maçonaria deve chamar as mulheres e os homens que a constituem à ação concreta, no tempo e no espaço, nas horas e nos minutos de cada dia. Em cada segundo não perdermos a oportunidade de agir. E se nos faltarem as forças, que as irmãs e os irmãos nos ergam para se erguerem a si próprios, deixando em marcha um luzeiro nas noites escuras: o sentimento supremo do Amor Fraternal. Porque se o trabalho é individual, a construção é conjunta. Se a perceção é particular, a obra é universal.

Quando olhamos para as estrelas, estamos a olhar para um passado de milhões de anos. E esse longe é aqui.

Que a Luz e a Esperança permaneçam!

Dissemos

18 de setembro de 2022